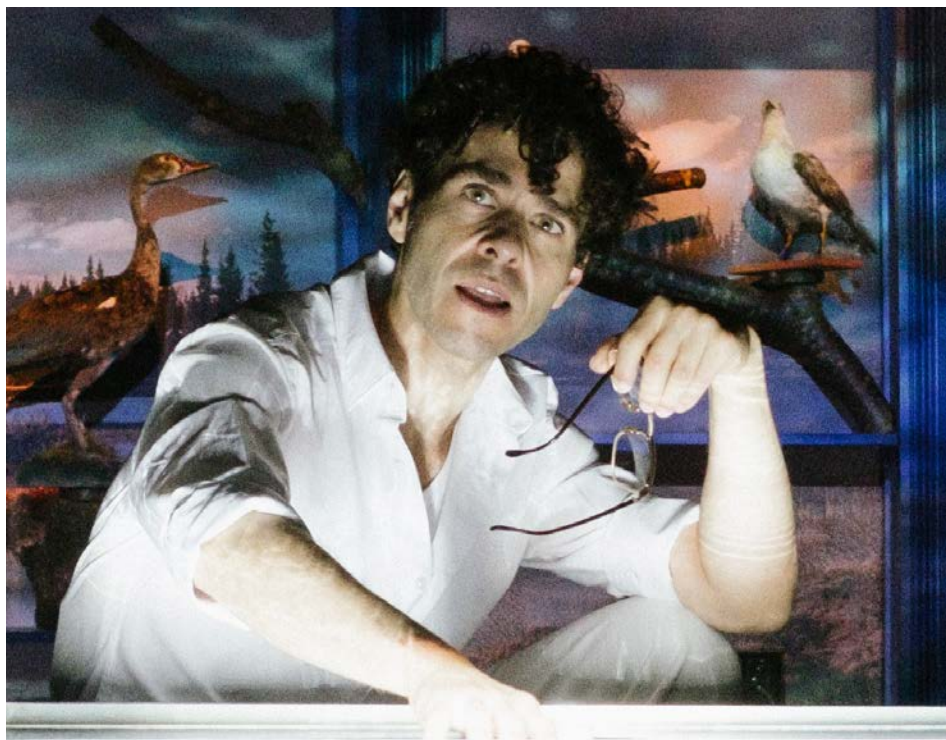


Classe de 2005

Em *Só mais uma gaivota* Miguel Fragata parte em busca dos destinos dos seus colegas finalistas do curso de actores da Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ano de 2005), que se estrearam com a montagem de *A gaivota*. Nesta peça o encenador português investiga no que é que resultaram as ambições desses jovens estudantes e artistas que, tal como Treplev, o protagonista do texto de Tchecov, reivindicavam um ‘teatro novo’.

“O Konstantin Gavrilovitch matou-se com um tiro”. Assim terminou a representação de *A gaivota*, de Anton Tchecov. Depois, desceu o pano e o público presente na sala aplaudiu, entusiasmado, o desempenho daqueles jovens actores e atrizes, cenógrafos e figurinistas, técnicos e produtores. Estavam a terminar o curso de teatro. Tal como Konstantin Gavrilovitch, abraçavam expectativas e angústias em relação ao seu futuro enquanto artistas. A partir do terreno híbrido da ficção e da realidade, surge o espectáculo *Só mais uma gaivota*, em que se entrelaçam as histórias dos artistas feitos personagens, depois de descido o pano de boca e escrita a palavra “fim”.

Passaram-se 20 anos entre 2005 e 2025. Essas 16 gaivotas estão hoje na casa dos quarenta e pertencem àquela que é, provavelmente, uma das últimas gerações que cresceu



© Sofia Bernardo

com a ilusão de uma vida profissional estável, com a promessa de uma vida melhor do que a dos seus pais, com a crença de que todas as expectativas se poderiam concretizar. Esta última criação da companhia Formiga Atómica elabora sobre o destino das personagens a partir dos actores que lhe deram corpo, 20 anos volvidos. O que fazem hoje?

Onde param? Marya Ilinishna Masha é produtora musical, Irina Nikolaevna Arkadina não é uma actriz clássica, mas uma artista de performance, Boris Alexeevich Trigorin é copy numa agência de publicidade — e Konstantin Gavrilovitch Treplev é campeão mundial de magia.

Amanhã e dia 17 no Fórum Romeu Correia

Quando tudo arde

Os Colóquios na Esplanada voltaram ontem. Depois da apresentação de *Burn Burn Burn*, Catarina Rôlo Salgueiro e Isabel Costa trocaram o palco pela conversa, revisitando o processo de criação da peça e as inquietações que a fizeram nascer. Falou-se de Ray Bradbury, de censura, da cultura do cancelamento, mas, sobretudo, da dificuldade crescente em conviver com opiniões diferentes. A origem de *Burn Burn Burn* remonta à leitura de *Fahrenheit 451*. Ou melhor, ao momento em que as duas criadoras perceberam que *Fahrenheit 451* deixara de ser apenas uma distopia sobre livros queimados para dialogar com um presente marcado por novas formas de censura, pela cultura do cancelamento e pela velocidade com que se formam opiniões. “Começámos a questionar quais são os limites destas reescritas e destas, por assim dizer, censuras”, recordou Catarina Rôlo Salgueiro, evocando as recentes revisões de clássicos literários.

Mas o romance acabou por ser apenas o princípio. Em vez de adaptar directamente Bradbury, as duas criadoras construíram uma história própria, colocando um clube de leitura no centro da acção. “Quando arde uma biblioteca é uma tragédia”, lembraram, sublinhando que destruir livros nunca apaga as ideias que lhes deram origem. As duas dramaturgas falaram da criação colectiva como uma aprendizagem permanente, uma prática de escuta

que contrasta com o ambiente polarizado que serviu de ponto de partida ao espectáculo. “Esta foi uma criação em conjunto, uma prática de bem viver, de conviver com a opinião do outro”, resumiu Isabel Costa. E acrescentou: “Às vezes parece que acreditamos que não há outras formas de viver no Mundo, mas há; é preciso procurá-las e experimentá-las”.

Teresa Dias Mendes



© Pedro Castanheira

No percurso de um actor, o mais difícil são os primeiros 80 anos

Começou ontem *O sentido dos Mestres*, este ano a cargo de Miguel Seabra – premiado actor e encenador, fundador do Teatro Meridional. Foi a primeira de cinco sessões, que acontecem durante esta semana na Casa da Cerca, e trazem aos participantes o desafio de um trabalho físico e reflexivo. O mote deste encontro é “O que fazemos nós aqui?”, pergunta-título da primeira peça do Meridional, estreada no Festival de Teatro de Casablanca, a 11 de Setembro de 1991 – *Ki Fatxiamu Noi Kui?*

Este primeiro encontro ficou marcado por exercícios de conhecimento de si e do outro, centrando-se na ideia de Identidade. Seabra falou dos seus percursos pessoal e profissional que, na sua visão, são um só: “Ser actor, ser artista, não é uma profissão; é uma opção de vida”. A jovens que acabam a sua formação em Teatro, costuma dizer: “Parabéns. O mais difícil são os primeiros 80 anos. Boa

viagem!”. Na partilha da sua biografia e das suas histórias, sublinhou três pontos-chave: “Sou do Belenenses (logo, estou habituado a não ganhar); sou Capricórnio (teimoso, resiliente, caio dez vezes, levanto-me onze); tive o privilégio de andar numa escola que promove a independência e a autonomia (o Jardim-Escola Pestalozzi)”.

Nesta sessão surgiram três verbos no imperativo, a que Seabra recorre com frequência: escuta; sente; escolhe. “Temos de saber escolher muito bem o que dizemos. Escutar com concentração e eficácia. E optar, o que é corajoso, porque quando se escolhe ganham-se umas coisas mas perdem-se outras. Cultivar a coragem no teatro é uma coisa muito importante para mim”.

Para o criador, “no teatro não há mais ou menos – em tudo: nas luzes, na música, na encenação, na representação, no cenário, nos figurinos, na produção... em tudo! Temos a obrigação profissional de fazer sempre um bom espectáculo. Isso é o mínimo. Porque as pessoas saíram de casa e pagaram bilhete e por isso têm de sentir que valeu a pena. Podem gostar ou não gostar mas têm de sentir que valeu a pena”.

Inês Rodrigues

© Pedro Castanheira



Restaurante da Esplanada

HOJE

Tajine de frango e legumes
Lasanha de bacalhau
Bolonhesa de cogumelos

AMANHÃ

Ervilhas com ovos escalfados
Lulas recheadas
Feijoada de legumes

O Livro do Dia



A Companhia de Teatro de Almada estreou em 2013 *Em direcção aos céus*, do dramaturgo austro-húngaro Ödön von Horváth, com tradução de Gabriela Frago. Escrita em 1934, a peça estreou-se em Viena três anos depois, constituindo uma metáfora sobre as relações políticas e sociais da época, num ambiente feérico pontificado por S. Pedro e pelo próprio Diabo em pessoa. Tendo visto as suas peças proibidas pelos nazis, Horváth afirmou que “o nosso país é o espírito”.

2€ na Banca do Festival

Um T3 ‘enorme’

O projecto T3 junta os dois irmãos Bernardo Moreira e João Moreira, ao músico Ricardo J. Dias. Estes três verdadeiros ‘gigantes’ do jazz português vendem segmentos do repertório tradicional com as suas experiências de décadas em contacto directo com essas sonoridades. Este trio, que tem já colaborado com vários intérpretes, estará amanhã a partir das 20h00 na Esplanada da Escola D. António da Costa, para um concerto absolutamente imperdível para os amantes do jazz - e não só.

À conversa

Amanhã às 18h00 poderemos conversar na Esplanada com Tónan Quito, que dirigiu *O beijo no asfalto*: o espectáculo esgotou as duas sessões na Sala Principal do TMJB. No jornal distribuído à entrada da peça, o público podia ler a seguinte notícia, com uma foto de Quito representando uma vítima do atropelamento: “Praça da Batalha. Cinco da tarde. Um rapaz foi atropelado. Estava junto de mim. Nessa distância. De repente, um outro cara aparece, ajoelha-se no asfalto, apanha a cabeça do atropelado e dá-lhe um beijo na boca”.



© Paul Pinto

